

(Re)Pensar a Língua (LGP) em contextos de aprendizagem específicos

Fátima Sarmento^{1,2}, Rui Corredeira², Orquídea Coelho^{3*}

¹ ISMAI - Instituto Superior da Maia, Maia, Portugal

² FADEUP - Faculdade de Desporto, Universidade do Porto, Porto, Portugal

³ FPCEUP - Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade do Porto, Portugal

Resumo

A colocação progressiva de crianças surdas em locais de ensino menos restritivos, o aparecimento de Escolas de Referência para a Educação Bilingue de Alunos Surdos (EREBAS) e a prática de uma educação bilingue, representa também um desafio para os professores de Educação Física. Obviamente, o conhecimento da pedagogia e da capacidade de ensinar de forma eficaz para melhorar o desempenho do aluno são atributos essenciais de qualquer professor. E o que acontece quando o professor e o aluno utilizam línguas diferentes? Como são transmitidas as informações? E as correções? No caso da surdez, muitas vezes, a escassez de recursos adequados, ou o desconhecimento dos léxicos gramaticais da Língua Gestual Portuguesa (LGP) específicos da terminologia desportiva, por parte do professor e mesmo do intérprete, podem ser impeditivos de um ensino que abranja os três domínios preconizados no programa: domínio da aptidão física, dos conhecimentos e das atividades físicas.

O meu percurso profissional, como professora de educação física, iniciado há alguns anos atrás num Centro de Ensino Especial de alunos surdos permitiu-me constatar que estes, em termos motores, eram capazes de ter bons desempenhos na maioria das atividades propostas. Os recursos utilizados eram variados, passavam pela demonstração do exercício, pela utilização de

esquemas feitos no quadro, pelo recurso a imagens, até à criação de “gestos” não gramaticais, que de forma elementar pretendiam representar os exercícios mais simples ou serviam de suporte a instruções orais, também elas simples. Do contacto que tenho estabelecido com alguns professores de educação física que dão aulas nas EREBAS, dou-me conta que as dificuldades já sentidas há mais de dez anos continuam a ser as mesmas, investe-se no domínio das capacidades físicas, até com algum êxito, mas, no domínio dos conhecimentos, ainda é negado aos alunos surdos esse acesso na sua língua natural, a LGP.

A participação dos surdos no desporto tem registos no século XIX, em várias modalidades desportivas inclusive na organização dos 1os jogos mundiais, que datam de 1924. Desde essa data, muitos países, incluindo Portugal, têm multiplicado o número de Associações Desportivas, que organizam e incentivam a participação em eventos recreativos, em competições nacionais e internacionais, que abraçam uma variedade considerável de modalidades desportivas. Neste contexto, certamente tem vindo a emergir uma grande variedade de vocabulário desportivo associado a esses microcontextos linguísticos, que se torna urgente localizar, identificar e recolher/registar contribuindo-se para a elaboração de uma ferramenta de trabalho bilingue.

* mchaves@docentes.ismai.pt